

Ressocialização e saúde mental

J. TREIGER

Psiquiatra do Instituto de Ressocialização de Niterói — Departamento de Ressocialização da Secretaria de Estado de Justiça do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

- I — A nossa sociedade e o problema da ressocialização
- II — Dados bioestatísticos
- III — As ciências do comportamento e a Psiquiatria
- IV — As transformações culturais
- V — O impasse atual
- VI — Algo sobre a Psicopatologia Social
- VII — A ambivalência da sociedade
- VIII — Importância da Psiquiatria Social na resolução dos conflitos
- IX — Direção da transformação social
- X — O papel dos pequenos grupos

I — A nossa sociedade e o problema da ressocialização

Podemos entender como ressocialização o ato de um indivíduo voltar a participar de um determinado grupo social, dentro de uma relação de direitos e deveres recíprocos.

Essa relação subentende a existência de um compromisso de respeito às condições de inter-relacionamento entre os componentes do grupo social considerado.

Ao se cogitar de um processo de ressocialização, caberia situar, ainda que grosseiramente, a posição dos componentes do nosso grupo social. Assim, do lado de dentro da estrutura há os que ditam as normas de participação — geralmente um grupo minoritário; depois, uma grande massa, a maior parte, que segue o primeiro grupo; finalmente, há um grupo, hoje crescente, que contesta os valores dominantes, levando pouco a pouco a uma modificação dos mesmos, ainda que através de conflitos.

Talvez o que melhor caracterize a época em que vivemos seja exatamente a intensidade e a multiplicidade dos conflitos existentes; mas creio que não devemos temer a existência desses conflitos, especialmente porque o que parece também caracterizar essa época tão interessante é que, nela, a evolução se faz através dos sucessivos conflitos.

Quanto aos que estão do lado de fora dos padrões aceitos — e a quem se pretende ajudar a reintroduzir — dadas as condições sociais ainda vigentes no Brasil, seria mais adequado falar-se, antes, em socialização, do que em ressocialização, sem prejuízo da especificidade das atividades que cada organismo ou instituição procura desenvolver: é que, entre nós, país ainda na faixa do denominado “em desenvolvimento”, os bolsões de pobreza e de marginalidade social são por demais expressivos e geradores de comportamento anti-social para permanecerem ignorados. Sempre se disse que “não há democracia com barriga vazia” e sempre se disse que “a fome é má conselheira”.

Estão do lado de fora:

a) os que saíram e querem voltar, mas não sabem, não conseguem ou não se deixa que voltem;

b) há também os que saíram, mas não querem voltar: são os degenerados, os psicopatas e os de comportamento anti-social;

c) e há também os que ainda não conseguiram entrar: são os mais de 25 milhões de brasileiros, chamados carentes urbanos, e cerca de 90% da população rural brasileira, os que ganham 1 salário mínimo, quando ganham: cerca de 9 milhões de famílias, ou 36 milhões de indivíduos.

Por isso mesmo, disse que, dentro de nossa realidade social, não sabia se já deveríamos falar em ressocialização ou se ainda estaríamos numa fase preliminar, a de ainda tentarmos a integração social de nossa população, por inteiro.

Pelo que entendo, os Institutos de Ressocialização se ocupam com os dois primeiros casos: a LBA se voltou para os carentes urbanos, e o FUNRURAL, hoje integrado no SINPAS, dá uma limitada cobertura aos rurais. Entretanto, a elite de nosso País (é indiferente considerar se antes ou depois da Revolução de 64), aquela que tradicionalmente tem definido os rumos sociais e políticos do País, ignora, ou finge ignorar, que é preciso definir uma política agrária eficaz e resolver o problema sócio-econômico das populações rurais, o qual, não sendo corajosamente enfrentado, vem determinando a migração destas, gradual e inexoravelmente, para os centros urbanos, à razão de 1% ao ano. De um lado, deixam de produzir alimentos; de outro, passam a consumi-lo, ajudando ainda a compor os 30% da população urbana que se mantêm à custa do subemprego, que, por sua vez, se traduz por subsalário.

II — Dados bioestatísticos

É oportuno fazer aqui uma rápida apreciação sobre alguns componentes sociológicos e psicológicos dessa sociedade, que, neste trabalho, parece ter sido posta na berlinda. Na verdade, vale dizer algo a respeito de nós mesmos, do que temos feito e de como temos sido nestes últimos séculos — uma autocrítica.

Dados de 1978, tomados de BRIAN ABEL-SMITH, em um trabalho publicado pela Organização Mundial da Saúde, revelam que: em 1972, 17% da população mundial eram responsáveis por 67% da produção mundial; 26% da população estavam concentrados em países que produzem menos de 3% da produção mundial. Em outras palavras, 17% de nossa população do mundo produzem e consomem a metade da produção mundial, num evidente desequilíbrio.

É bem verdade que já foi pior: houve um esforço para trazer mesmo os sem-trabalho a uma participação na crescente prosperidade das nações e na redistribuição da renda, incluindo velhos, enfermos e inválidos. Com tudo isso, a taxa de natalidade da população mundial, entre 1965 e 1970, revelava que os países mais pobres apresentavam taxas de natalidade de 38 por mil habitantes, enquanto que os mais ricos não ultrapassavam a de 18 por mil habitantes. O Brasil vem mantendo uma taxa aproximada de 30 por mil habitantes.

Os países em desenvolvimento são também globalmente mais pobres do que os países plenamente industrializados. Também é mais flagrante

a desigualdade interna — exemplo do que é a tradicional diferença entre o Norte-Nordeste e o Sul-Sudeste brasileiros.

As famílias mais ricas do mundo, isto é, 10% da população, detêm 40% da renda mundial; enquanto que às famílias mais pobres, isto é, 40% da população, correspondem 15% da renda, ou menos.

No Brasil, o perfil da renda acompanha a regra, como revela o PIS, levando-se em conta a folha de salários: em 1977, 57% da população percebiam menos de 2 salários mínimos; 3% da população percebiam mais de 10 salários; e 30% da renda nacional estavam concentrados em mãos de 2% da população.

Enquanto em alguns países os salários oscilam entre 1 e 8, entre nós a escala vai de 1 a 60 salários, aproximadamente!

Parte da desigualdade inicial pode ser corrigida pela política tributária, mas isso depende de quem vai ser beneficiado e de quem paga as contas dos impostos.

Mortalidade infantil: nos países desenvolvidos gira em torno de 12 a 15 por mil habitantes; nos em desenvolvimento alcança, por vezes, 100 a 200 por mil habitantes. No Brasil, entre 1964 e 1975, o IBGE registrou, entre os menores de 1 ano, taxas que variaram de 34,8 por mil, em Aracaju, até 256,4 por mil, no Recife.

Quatro em cada 5 crianças vivem nos países em desenvolvimento, e 97% dos óbitos com menos de 5 anos, nessas crianças, ocorrem em tais países.

Quanto à expectativa de vida, esta é 17 anos maior nos países desenvolvidos do que nos demais.

No campo da educação, 800 milhões de adultos ainda são analfabetos, em todo o mundo.

Não é possível definir, com uniformidade, o que cada sociedade vai aceitar como qualidade de vida. Entretanto, já antes da crise mundial de alimentos ocorrida há 8 anos, o mesmo ABEL-SMITH assinala que cerca de 400 milhões de pessoas se alimentavam mal. Havia uma oferta de proteínas muito deficiente, especialmente aos menores de 5 anos, fato particularmente grave não somente pelas deficiências metabólicas daí decorrentes, como também pelas deficiências mentais decorrentes das carências nutritivas dos primeiros anos de vida, para não falar nas falhas de crescimento físico. Esta talvez seja a maneira mais simples de afastar competidores no mercado mundial.

Por razões óbvias, a estatura média do nordestino decresceu palpavelmente, nos últimos dez anos.

Segundo o Anuário Estatístico de 1978, do IBGE — o mais recente —, a ingestão de proteínas, relacionada com o peso e a estatura médias,

revelou os números seguintes. Tome-se como ponto de referência que, segundo a Fisiologia, deve haver o mínimo de 1 grama de proteínas por quilo de peso em cada 24 horas, na ração individual — o que é sensivelmente inferior aos hábitos alimentares das populações dos países industrializados.

Comparemos o Rio de Janeiro, São Paulo e o Nordeste:

Região	Estatura Média (em cm)		Peso Médio (em kg)	
	5 anos	21 anos	5 anos	21 anos
Rio de Janeiro	108,3	169,9	17,2	54,2
São Paulo	108,6	170,0	17,7	53,4
Nordeste	103,8	165,2	16,1	50,2

Ingestão de proteínas por comensal/dia (em gramas)

Natureza do Alimento	Rio	S. Paulo	Sul	Nordeste
Carne e pescados	22,94	19,48	19,34	18,04
Ovos, leite, queijos (e também óleos e gorduras)	8,60	9,20	9,03	4,23
Total	31,54	28,68	28,37	22,27
Relação aproximada de gramas/kg peso	0,58	0,53	—	0,44

Mínimo desejável: 1 g/kg peso.

Nos últimos trinta anos a planificação do desenvolvimento recebeu sempre uma ênfase maior, mas isso não garantiu que se atendessem melhor às necessidades básicas dos setores mais desfavorecidos do que há trinta anos, ou seja, o desemprego, o subemprego, a má alimentação, o meio ambiente insalubre, a desnutrição e a falta de educação mínima indispensável. Foi dada ênfase ao crescimento econômico, sem que se detivesse

para identificar quem seriam os beneficiados. Admitiu-se que os efeitos benéficos do crescimento se propagassem a toda a economia, mas isso não ocorreu. Eis por que a nova política está sendo a de tentar satisfazer às necessidades básicas, assim entendidas a alimentação, vestimenta, utensílios domésticos e alguns serviços públicos essenciais, como o de água potável, o saneamento básico, o transporte público e os serviços — de saúde, educativo e cultural — garantindo que as populações participem das decisões que as afetem.

III — As ciências do comportamento e a Psiquiatria

Muitos pesquisadores estão reunindo contribuições relevantes para as ciências do comportamento, a Psiquiatria e a saúde mental.

Algumas correlações entre a Psiquiatria e os assuntos políticos e sociais serão úteis ao se cogitar de medidas ligadas à saúde mental, capazes de influir em uma política de ressocialização. TOFFLER analisou os efeitos psicológicos e sociais da revolução tecnológica que caracteriza o mundo moderno. Chama de "choque futuro" aos efeitos perturbadores provocados sobre a capacidade do raciocínio pelas mudanças tão rápidas em curso. A superestimulação e o choque futuro que ela produz se evidenciam no colapso confusional na sociedade, no rápido crescimento do uso das drogas, no ressurgimento do misticismo, do vandalismo e da violência, e no niilismo e apatia patológica, além da retirada voluntária de milhões de pessoas. Todo esse **stress** na tomada de decisões e a sobrecarga de conhecimento estão produzindo uma má adaptação individual, grupal e societária ou comunitária. Sendo um analista social, TOFFLER encoraja o estudo do futuro e recomenda que as pessoas interrompam a desordenada aceleração da sociedade que está preparando o "choque futuro" e que se ocupem com a ecologia, com o racismo, com a revolta dos jovens. Sugere ainda que esse futuro se torne o centro de nossas preocupações e encoraja novos serviços sociais, um sistema de educação voltado para o futuro e o emprego mais seletivo da tecnologia. Sua preocupação é humanizar os dias futuros.

Segundo TOFFLER, há uma contradição básica entre as pressões culturais que, de um lado, exigem decisões rápidas de adaptação e, de outro, produzem uma incapacidade de previsão de escolha, no meio em que tais adaptações precisam ser feitas. Como as pessoas estão perdendo a corrida nesse esforço, a capacidade de cooperar se deteriora.

Recentemente a imprensa do Rio de Janeiro publicou parte do relatório apresentado pelo Prof. HELENO FRAGOSO na Reunião da Comissão Internacional de Juristas da ONU, da qual é membro. Diz ele que, para os povos do terceiro mundo, e em especial para os da América

Latina, é significativo que a ONU tenha focado, em seu VI Congresso sobre Prevenção do Crime e Tratamento do Delinqüente, os aspectos referentes ao crime e ao abuso do poder, que se colocam no centro da problemática geral do sistema punitivo, em nossos países.

Diz o Prof. FRAGOSO que entre nós o Direito Penal tem sido um amargo privilégio dos pobres e desfavorecidos que povoam nossas prisões horríveis e que constituem a clientela do sistema. A estrutura geral de nosso direito punitivo, em todos os seus mecanismos de aplicação, deixa muitas vezes acima da lei os que têm poder econômico ou político, pois esses se livram com facilidade, pela corrupção e pelo tráfico de influência. Entre os danos à vida ou à coletividade, enumera os abusos praticados em relação à força de trabalho, à exploração predatória dos recursos naturais e à produção industrial imprópria ou defeituosa. Em relação à força de trabalho, destaca a redução do trabalhador à condição subumana pelos salários baixos, incapazes de permitir a reposição das energias consumidas no trabalho, inclusive através da exploração dos trabalhadores rurais empregados na lavoura na época das colheitas e o exaurimento físico e mental do trabalhador, pela imposição de ritmos excessivos de trabalho e de tarefas monótonas e embrutecedoras, produzindo doenças ou lesões ocupacionais.

Segundo VON BAER, vivemos numa sociedade em que ainda predomina a falta do desejo de atender ao "outro". Mesmo que o desejasse, falta à maioria tempo para isso. Não havendo êxito para solicitações de compaixão e amor nessa estrutura, os neuróticos histéricos não conseguem mais exteriorizar sua forma de histeria, muito embora isso não os impeça de cometer imoralidades nem diminua sua necessidade de que alguém compartilhe com eles seus sofrimentos.

O próprio delírio dos esquizofrênicos mudou, como acentua FERNANDEZ: da predominância religiosa e mística, passou para a hipocôndrica e técnica.

Predomina hoje o alcoolismo feminino; o aumento do alcoolismo em geral, talvez em função da solidão e da desesperança; o aumento das síndromes depressivas, da hipocondria e, ainda, uma redução da expressão dos sintomas das psicoses e das neuroses, salvo a do alcoolismo.

Tal metamorfose faz suspeitar que algo de muita importância esteja em curso, no desenvolvimento da cultura ocidental.

IV — As transformações culturais

Segundo GEHLEN, houve duas grandes transformações culturais na história da humanidade: a primeira foi a transformação do homem, de caçador nômade em agricultor — ocorreu há cerca de 10.000 anos, durante a passagem do período paleolítico para o neolítico — e levou

entre 1.000 e 2.000 anos; a segunda está ainda em curso, e é caracterizada pela tecnificação do homem e pelo domínio da natureza por ele: está-se processando no período de 100 anos e corresponde à mudança do foco de consciência, do emocional para o mental — trata-se da era científico-tecnológica, a era atômica.

A técnica revolucionou a estrutura espiritual e psicocultural do homem moderno. A proposição original da palavra **técnica** foi a da ação e do saber artesanais e artísticos, mas o homem perdeu o controle da técnica e ela o está escravizando. Se não for dominada, poderá levar a humanidade à destruição.

O que mais fundamentalmente caracteriza o homem ocidental sujeito a essa tecnocracia é sua atitude racionalista, cujo objeto é a conquista de maior conforto físico. Esse racionalismo está quase totalmente voltado para uma ação utilitária, para os bens materiais. A proporção que tal atitude se consolida no homem, o próprio corpo passa a ocupar o primeiro plano das preocupações. Entretanto, como já é evidente, a busca do bem-estar corporal não conseguiu trazer tranquilidade nem conforto real ao homem: massificado, tornou-se escravo da engrenagem que gerou, passando a consumir bens, mesmo sem necessidade; ou a beber, mesmo que isto não lhe agrade, apenas para se sentir melhor e para se situar acima dos demais; ou a obedecer cegamente à moda, sem analisar o que dela merece ser seguido. Criou, ainda, muitos mitos ligados à sua própria renda e não analisa, a não ser em pequenos números, e ainda assim, refugando a idéia de abandonar hábitos que o podem destruir, embora esteja sempre preocupado com o seu próprio bem-estar físico. O medo do sofrimento e da dor caracteriza essa atitude em relação ao corpo. Associado à busca do bem-estar físico, isso gera a hipocondria; e o eu psíquico, desorientado pela competição, perde a capacidade da comunicação. Não é por acaso que muitos hoje grunhem em vez de falar...

Finalmente, e não menos grave, a burocracia tornou-se uma dominante das condições ambientes, pela qual as atividades-fim são sacrificadas, para que se justifiquem as atividades-meio. Não poderá ser destruída por simples expedientes administrativos, também de natureza burocrática: a burocracia é uma hidra de muitas cabeças e, se os atos legais não forem seguidos de transformações sociais mais profundas, os frutos continuarão a mostrar a vitalidade da árvore de onde provêm. Nem mesmo uma mudança de regime político será suficiente para isso, já que temos o exemplo de países de regime diferente do nosso, socialistas, que se transformaram, igualmente, em feudos da burocracia.

A burocracia se caracteriza pelo império de um sistema desumanizado, impessoal e rígido em seus aspectos funcionais e normativos.

Como não poderia deixar de ser, dentro de tal quadro as preocupações altruísticas foram relegadas a um segundo plano, com prejuízo para

a comunicação inter-humana profunda e vital e, ainda, com a perda dos últimos vestígios do pensamento mágico-primitivo.

O tema do pensamento mágico-primitivo atraiu JUNG de maneira especial. Esta foi uma das razões que o levaram a permanecer algum tempo na Índia, pesquisando uma cultura que conservou a essência do seu pensamento mágico-primitivo.

Segundo JUNG, não que o hindu seja um homem primitivo, mas é inegável que ele não deu saltos em sua cultura. Assim, pôde conservar os aspectos mágicos que trouxe de tempos pretéritos. O hindu, por exemplo, **não pensa**; antes, **percebe o seu pensamento**.

Quanto ao homem ocidental, perdeu esta seqüência ao receber o impacto do cristianismo, que o obrigou a dar um enorme salto à frente, cindindo a estrutura do seu pensamento. O tipo de espiritualidade assim imposto era superior à disponível. Fomos assim interrompidos no próprio começo, quando predominavam as crenças politeísticas dos bárbaros *européus e essas crenças foram forçadas subterraneamente, lá permanecendo durante quase 2.000 anos*. Segundo JUNG, talvez isso explique a divisão observada na mente do homem ocidental: ainda num estado primitivo, fomos forçados a adotar as doutrinas comparativamente sofisticadas da graça e do amor cristãos; uma dissociação foi assim produzida entre a parte consciente e a parte inconsciente de sua mentalidade.

Por vezes, o homem ocidental alcança de volta aquela capacidade mágica primitiva, mas, quando isso acontece, torna-se capaz de recair no mais chocante barbarismo e, quanto mais bem sucedido se torna na ciência e na tecnologia, mais diabólico uso faz de suas invenções e descobertas.

Voltemos às transformações trazidas pela era do átomo: como disse, ela mudou até a maneira pela qual o homem consegue adoeecer; em troca, cresceram a ansiedade e a angústia — angústia particularmente marcada pelo temor da dissolução e da continuidade do ego. Ela explica, por exemplo, grande parte das manifestações do adolescente que, na preocupação de preservar sua noção de si próprio, contesta talvez como um meio de ouvir sua própria voz, de sentir suas próprias idéias para poder afirmar a si mesmo que ele é ele mesmo. Também explica certas manifestações de violência por parte de indivíduos que se vêem subitamente lançados numa grande metrópole, sentem-se perdidos pela falta de elementos de referência que lhes permitam preservar a própria identidade.

Em vez da violência, a ameaça de dissolução pode também gerar a vertigem da liberdade: o indivíduo quer ser livre de qualquer maneira, com o que surgem os contestadores sociais e o **hippismo**, que tanto marcou época na penúltima década.

Vivemos, na verdade, num ambiente neurotizado, no qual as motivações mais profundas se vêem bloqueadas por inibições intrapsíquicas.

Efetivamente, nada impede a sociedade de atuar criativamente, a não ser a crença dos próprios homens em sua incapacidade de agir. Apesar de todos os defeitos existentes em nossa sociedade, o homem é um ser que pode evoluir, crescer e colaborar na melhoria das condições sociais, porque tais condições são intrinsecamente suas. A experiência da Física nos demonstra, num exemplo elementar, que, por maior que esteja a escuridão, a luz conquista as trevas.

É claro que, para isso, é necessário que a sociedade se liberte do seu comportamento neurótico, abandonando as ilusões que envolvem seus falsos conceitos de segurança.

V — O impasse atual

Uma das grandes tragédias do mundo atual é que, graças aos progressos da ciência e da técnica, o homem avançou mais do que sonhara; como um FAUSTO, dominou os segredos da matéria, mas para isso entregou-se a MEFISTÓFELES. Este fez dele um ser racionalista, que procura racionalizar o mundo, a vida, até a alma. Isso gerou esta profunda crise, como diz LOPES IBOR, histórico-cultural, "da qual ninguém sabe **como** nem **quando** sairemos".

Segundo VAN DEN BERGH, a perda de um vínculo unitário — a sensação da unidade da sociedade — tornou-se um dos fatores neurotizantes da atualidade. Houve também a perda do espírito de religiosidade, que não deve ser confundido com a prática de uma religião; contudo, as crenças, sejam quais forem, eram e são, sob o ponto de vista psicológico, defesas contra a angústia. O que o homem perdeu foi o caminho de sua religião com a própria natureza divina. Hoje ele não deixa de adorar, mas o que adora é o carro, a máquina, a sigla, o poder, o dinheiro; voltando-se para o supérfluo, rebaixa a sua própria concepção do mundo.

Entre as outras grandes frustrações da vida moderna se acha também a escravização à dimensão **tempo**. Alguns autores procuram atribuir a isso a grande disseminação atual do alcoolismo: muitos se desesperam porque não conseguem alcançar logo, no intervalo de tempo a que se propuseram, determinado objetivo — não aprenderam a esperar. Daí, a ansiedade e, às vezes, a depressão, com a fuga na embriaguez.

A característica dominante continua sendo a preocupação com um rendimento financeiro sempre maior, decorrente da importância dada ao fato econômico. Tal característica está ligada ao espírito de competição, que se exacerba em épocas de crise — das quais a guerra é apenas um paroxismo. Para ser incorporado à sociedade, em tais condições, e ganhar **status** dentro desse sistema, basta ser bem sucedido financeiramente. Não importa que os meios sejam desonestos: basta que as falcatruas não tenham sido provadas.

Está visto que é necessário buscarmos novos modelos de comportamento, pois os índices de criminalidade, que tanto preocupam a tanta gente, não serão reduzidos enquanto presidentes de importantes países, ou primeiros-ministros, tiverem de renunciar após comprovação de graves delitos ou vergonhosos atos de corrupção, em que também se incluem príncipes-consortes; ou enquanto companhias de cigarros, fabricantes de produtos comprovadamente venenosos, forem premiadas, como ocorreu entre nós, por serem as que melhor servem aos seus acionistas. **MEFISTÓFELES**, realmente, encontrou discípulos aplicados!

Ainda se acha um pouco distante a transformação do enfoque econômico em social; entretanto, quando isso ocorrer, ensejará um tipo de comportamento inteiramente diverso, voltado para o bem geral e tendo como base de relações humanas a cooperação.

VI — Algo sobre a Psicopatologia Social

Não seria possível abordar, aqui, tudo que, no campo da Psicopatologia Social, interessasse à ressocialização. Julguei, pois, que bastaria abordar um tema e com ele ilustrar este trabalho. Merece destaque o que MEEKS denomina de **reação da delinqüência em grupo**: trata-se de indivíduos que adquirem valores, comportamentos e habilidades de um grupo ou **gang** — muito comum na adolescência — ao qual se mostram leais e em cuja companhia furtam, gazeteiam ou ficam até tarde da noite.

As pesquisas mostram que esse fenômeno surge de maneira variável, mais comum sob quaisquer condições que prejudiquem a comunidade e a estabilidade familiar como, por exemplo, o caos social generalizado que acompanha as guerras e os cataclismas, ou as grandes e bruscas modificações sociais; ou ainda, situações de dissonância cultural entre a família e a sociedade, ou quando os valores variam em demasia, na mesma comunidade. Dramático exemplo disso é o que vem ocorrendo em Itaúna, Minas Gerais: trata-se de uma localidade por demais humilde, que passou por uma transformação brutal, ligada a novas atividades produtivas e à abertura de uma rodovia para servir à região. A população jovem da localidade não conseguiu absorver as mudanças, que foram súbitas e violentas, de tal sorte que os suicídios, lá, se vêm sucedendo e, quando ocorre um sepultamento, os demais jovens encaram o fato como algo a ser festejado e como um ato a ser imitado.

Talvez os "pegas" de automóveis de nossas grandes cidades obedçam às mesmas profundas causas.

Os desvios de comportamento na direção da criminalidade predominam entre jovens mal empregados, subnutridos, que, segundo os pesquisadores, realizam um esforço de adaptação diante de condições de vida para eles insuportáveis. Esse grupo, ou **gang**, em tais condições,

passa a prover as únicas oportunidades de companheirismo, de excitação ou propósito, mas, no fundo, representa uma imagem que reflete os valores sociais dominantes.

Contudo, embora as teorias sociológicas visualizem o problema como uma reação essencialmente normal ante condições sócio-econômicas, cumpre salientar que não são todos os jovens que se tornam delinqüentes ou que adoecem, mesmo em comunidades onde haja dominância de criminalidade juvenil: na verdade, os que se tornam delinqüentes são os incompletamente socializados. Embora tenha havido uma experiência afetiva satisfatória na relação mãe-filho, há posterior falha, ou abuso, na relação pai-filho, seja por doença, seja por ausência, seja por alcoolismo. A família está muitas vezes mal adaptada aos costumes sociais, ou não tem **status** de hierarquia social, em função de condições de imigração, de pobreza, ou de preconceito de minorias.

Ainda que a tese de DOLLARD seja bem aceita, isto é, que a agressividade decorra de uma frustração, há os casos em que a frustração não leva à agressão e aqueles casos em que, inversamente, a agressividade não depende de uma anterior frustração. Conhecemos, todos, os exemplos dos indivíduos degenerados e anti-sociais, que não precisaram de frustrações para delinqüirem — casos, inclusive, de difícil recuperação.

O que se pode sustentar é que a frustração suscita a excitação de uma série de distintas reações, uma das quais é a tendência à agressividade.

VII — A ambivalência da sociedade

Relativamente à reabilitação dos indivíduos que rompem o compromisso social, ADLER chama a atenção para a ambivalência da sociedade para com os que ferem a lei. Embora expresse preocupação para com o bem-estar e a necessidade de reabilitar a população presa, a própria sociedade sabota muitos esforços para estabelecer programas de tratamento. Em lugar de se construírem penitenciárias em lugares acessíveis às famílias dos presos, por exemplo, muitas vezes esses estabelecimentos são montados em lugares distantes dos centros urbanos, isolados da região em que os mesmos vivem.

É como se a sociedade quisesse expelir o seu mal e proteger-se dele, controlando seus autores em prisões o mais distantes possível. Entretanto, um dos princípios da Psiquiatria Social é que o tratamento do paciente se faça o mais próximo possível da comunidade em que vive. De outro lado, experiências recentes tendem a corroborar o fato de que muitas pessoas presas não são perigosas, uma vez libertas.

Há países em que a punição com a detenção tem muito mais o sentido de fazer o punido compreender que seu ato não é aprovado

pela comunidade. A intensidade da punição tem uma importância secundária.

Há pouco mais de dez anos, uma decisão da Corte Suprema dos Estados Unidos fez transferir presos de dois manicômios judiciais de Nova Iorque para hospitais psiquiátricos: poucos foram os que tiveram de voltar para estabelecimentos correccionais.

A ambivalência da sociedade também se reflete na dificuldade de se garantir a plena ocupação dos presos. Sob o ponto de vista da ressocialização, este é um dos mais graves aspectos a serem considerados, pois são poucas as atividades laborativas a que têm acesso, o que leva, muitas vezes, a uma prolongada ociosidade. Some-se a isso a monotonia do passar dos dias, com a perda progressiva da noção do tempo. Acrescente-se, ainda, a dificuldade da conservação de objetos de uso pessoal — retirados pelos mais variados motivos (às vezes até justificáveis) —, a padronização dos uniformes e a substituição do nome próprio por números inexpressivos e teremos reunidos os vários ingredientes que compõem a fórmula para uma rápida despersonalização do indivíduo. A atitude violenta se torna, muitas vezes, um recurso bastante semelhante ao que a adolescência utiliza, no sentido de conservar a própria identidade.

Outra atitude ambivalente da sociedade é como ela se conduz com relação ao pessoal que trabalha nessas instituições: de um lado, abnegados servidores, dispostos ao auto-sacrifício, cuja remuneração não corresponde à qualidade do serviço que prestam efetivamente por razões ligadas aos mecanismos imobilistas burocráticos; de outro, indivíduos contaminados pelo ambiente, capazes de atitudes sádicas, agem de maneira violenta, com isso também prejudicando a recuperação dos detentos.

VIII — Importância da Psiquiatria Social na resolução dos conflitos

A perspectiva que o futuro oferece é a da crescente participação da Psiquiatria Social na mediação ou resolução dos conflitos sociais. A violência, como refere BOULDING, impede que os conflitos sejam resolvidos, porque ela cria uma atmosfera em que a reconciliação e o compromisso se tornam difíceis. Esta falta de reconciliação conduz mais à supressão do que à resolução do conflito.

MACK e SNYDER chamam a atenção para a possibilidade de a Psiquiatria participar da resolução dos conflitos e particularmente de sua prevenção, através da medida das relações de poder e da correção dos desequilíbrios. Neste sentido, visando a uma atuação mediadora, a Associação Americana de Psiquiatria, há cerca de dez anos, propôs e indicou uma força-tarefa para intervenção como terceiro partido, na

crise da comunidade — um grupo que participasse como mediador dentro dos conflitos sociais. E também, ainda mais interessante, se bem que num âmbito mais amplo, mas também aplicável às situações locais, vale referir que nos Estados Unidos já existe uma Academia Internacional de Paz, funcionando, desde 1971, reunindo muitas pessoas pertencentes a movimentos que apóiam os esforços em prol da manutenção da paz mundial. A tarefa a que se propõe é desenvolver o treinamento profissional nas ciências e nas artes da paz, tão sistematicamente quanto estudantes têm sido educados e treinados nas ciências e na arte de guerrear. Tal Academia se propõe a preparar líderes na prática da paz, em todo o mundo, que possam ser convocados por seus governos ou por organizações governamentais, para ajudar a conseguir modificações pacíficas que, por fim, limitem os conflitos sociais.

Existem várias outras organizações fundadas nos últimos vinte anos, voltadas para a mediação do conflito, que oferecem treinamento psiquiátrico para o serviço referido, com vistas à atuação de pequenos grupos comunitários, também nas arenas domésticas.

IX — Direção da transformação social

Há, hoje em dia, um espaço vazio nos corações humanos. Este espaço deve ser ocupado, rompendo-se a barreira do egoísmo.

É necessário reaprender a cultivar a amizade, pela amizade; é necessário desacelerar o ritmo da satisfação dos desejos e do consumismo, para a reconquista do controle da direção da nave desgovernada; é necessário optar pela simplicidade, para que todos possam ter acesso ao mínimo indispensável à condição de vida humana digna; é necessário restabelecer o contato com a nossa natureza mais elevada, para identificar o que é essencial na vida diária.

No passado, houve um dilúvio de água, após o qual DEUS e NOÉ estabeleceram uma Nova Aliança. Devemos renovar esta Aliança, através de um novo pacto social, que marque o fim desse dilúvio de paixões em que se consome a humanidade. Entretanto, sem uma reorientação espiritual, isso não será possível.

Que a busca do pão material simbolize a aspiração às conquistas do Espírito. Mas aceitemos como espiritualidade, para uso em nossos dias, a ampliação da visão da vida e a elevação do nível de consciência. Não sendo possível mudar subitamente os costumes, aproveitemos, no entanto, cada oportunidade para defender o estabelecimento de uma nova ética. É possível que o tempo atual, sendo um tempo de negação de valores, sirva, no entanto, para semear. Não importa que os beneficiários da colheita sejam outros: nós também comemos as tâmaras que nossos avós plantaram.

Aplicada à vida diária, essa nova ética deverá definir um conjunto de maneiras que permitam a vida em comum, com um mínimo de qualidade. Os malfatores também têm seu código de convivência, mas faltalhes a qualidade. Deverá também propiciar condições que estimulem a comunicação entre as pessoas e influir no campo da educação, estabelecendo princípios para a reorganização da sociedade em bases mais humanas.

O grande drama da humanidade não tem somente aspectos negativos. Estamos em um tempo novo, de grandes mudanças, que estão vindo ao encontro do empenho das grandes massas em se tornarem conscientes de si mesmas. Convém registrarmos esse fato, que as grandes massas não se satisfazem mais em seguirem o modelo ditado por pequenas minorias, se estas não aplicarem em si mesmas o modelo. Correm-se riscos, é verdade, pelas complicações e pelas conseqüências imediatas que podem ocorrer na consciência e no estado de ânimo de grandes multidões, ainda vivendo os primeiros tempos das mudanças. Por isso mesmo, devemos nos concentrar na formulação de valores novos, pelos quais essas grandes massas possam encontrar seus próprios caminhos, através de aspirações corretas. A juventude, por exemplo, deve ser orientada para a atividade mundial, sem o que não conseguirá participar conscientemente dos assuntos da atualidade; a atividade dos operários, por sua vez, deve ser humanizada, tornando-se mais criativo o seu labor, através de uma atuação grupal na tomada de decisões no curso da própria produção e numa participação vertical do processo, de modo a permitir uma visualização por inteiro do fruto do seu trabalho.

Os adeptos da violência não são maioria. Não nos impressionemos pela aparência em contrário. Na época das Cruzadas a humanidade vivia em guerras. Ainda no começo deste século, o castigo corporal era rotineiro, no mundo inteiro, até em corporações militares. Hoje, nossa sensibilidade aumentou e a população mundial é muito grande. Com isso, não só os valores absolutos são grandiosos, como cada fato, também pela comunicação rápida, nos faz participar dele. Bem que se tenta estimular a prática da violência, mas a grande maioria quer soluções pacíficas para seus problemas. Não fosse assim, e a indução que a televisão e o cinema tentam provocar já teria levado todos à conflagração. Na verdade, a chuva de episódios de violência que transmitem não é estimulada pelos espectadores, e sim manipulada por um pequeno grupo de exibidores, especializados no estímulo da excitação emocional (no Rio de Janeiro, são 4 estações de televisão, concessionárias do Governo, porque a quinta, a Educativa, não se presta a tal desserviço), grupo esse financiado por um grupo, também pequeno, de produtores. No entanto, se levantarmos a forma de pensamento dominante, facilmente verificaremos que uma das idéias fundamentais que se encontram na base de toda a conduta humana, individualmente considerada, é a aspiração à paz e à harmonia, para que cada homem possa criar seu próprio destino. Esta é uma crença fundamental e o mais profundo

anseio da humanidade. Sendo a linha de menor resistência, é a que deveria ser trabalhada em primeiro lugar, ao se cuidar da manifestação da auto-afirmação de cada cidadão.

X — O papel dos pequenos grupos

Falei, de início, nos pequenos grupos que modelam caminhos depois seguidos pelas grandes massas. O exemplo dos maus programas, ou da propaganda do fumo e do álcool, mostra a ação perniciosa de pequenos grupos. Ora, a humanidade carece de ações heróicas. Elas precisam ser reinseridas no cotidiano. Hoje em dia, a bondade é uma ação heróica. É tempo de os bons terem coragem de afirmar o bem, da mesma maneira como os maus se atrevem a praticar o mal.

É certo que os Institutos de Ressocialização têm uma tarefa específica, uma missão espinhosa. Os que se ocuparem com ela deverão atuar com firmeza; deverão conservar a crença em si mesmos; deverão trabalhar com destemor, mantendo a convicção de que sua atuação tem grande valor sanitário para o organismo social.

Entretanto, à parte dessa tarefa específica, talvez os seus membros não tenham identificado uma outra, não menos importante: a de poderem constituir um núcleo para a difusão de uma nova atitude de vida, visando ao bem geral. Sei que suas estruturas são por demais modestas e seus recursos extremamente limitados para a enormidade das tarefas, mas essa é mais uma das características da época — a de todos terem enormes responsabilidades à frente. Parece que, por se julgarem deuses pelo simples fato de terem conquistado o átomo, os homens da sociedade tecnocrática tiveram de assumir todos os encargos anteriormente atribuídos aos deuses — e os deuses não têm descanso...

O exemplo, hoje mais do que nunca, é o que conta. Quem quiser que seu modelo de comportamento seja aceito deve demonstrar que o pratica. O modelo de comportamento tornou-se, hoje, uma peça vital para as transformações de que necessitamos. Na Roma antiga, CATÃO podia dar-se ao luxo de mandar fazer o que ele dizia, não o que fazia. Hoje, isso é impraticável. Os Institutos de Ressocialização, através da autenticidade de seus agentes, podem influir na infra-estrutura do pensamento-forma de nosso modelo social, aperfeiçoando-o. Não importa que haja muito a ser feito: se tudo já estivesse feito, a depressão da ociosidade seria um perigo pior a ser enfrentado. Não importa que haja muitos erros a serem corrigidos. Quando DEUS fez o mundo, ficaram muitos defeitos — para os deuses-homens corrigirem e aperfeiçoarem a criação.

Há um modelo de comportamento que se ajusta aos fins desses Institutos de Ressocialização, válido, apesar de antigo. Pode ser expresso numa frase que atravessou vinte séculos: "Não vim para os sãos: esses não precisam de remédio!"